

## **A FILOSOFIA GRECO-HELENÍSTICA COMO PONTO DE ENCONTRO ENTRE PAULO E AGOSTINHO NA OBRA *A ORDEM***

Jackson Câmara Silva<sup>60</sup>

### **RESUMO**

O apóstolo Paulo (4 - 64 d.C) e Agostinho de Hipona (354 - 430 d.C) são dois grandes pensadores do cristianismo. O primeiro, nascido sob a Lei de Moisés e provindo de uma cidade cosmopolita, onde emergia o pensamento grego, sofreu influência tanto do judaísmo como do helenismo. O segundo, antes de sua conversão ao cristianismo, teve contato com as disciplinas clássicas e com a filosofia. Na experiência com os textos sagrados, inicialmente lendo a carta de Paulo aos Romanos, Agostinho já o considera um ícone em sua vida. O título “o Apóstolo”, atribuído a Paulo, é muito frequente nos escritos agostinianos, o que já se constata uma grande influência paulina em seu pensamento. Desse modo, este trabalho aborda a filosofia greco-helenística como ponto de encontro entre os dois autores. Será analisada a obra *A Ordem*, de Agostinho, e as cartas paulinas destacando traços do platonismo, como o binômio sensibilidade-inteligibilidade e expressões afins, e do estoicismo, como a doutrina do Logos Divino e as razões seminais, a *ataraxia* e *autarquia*. Com isso, ao analisar os aspectos filosóficos comuns entre Paulo e Agostinho, será verificada a hipótese de quanto isso ajudou o hiponense a identificar-se com o pensamento do apóstolo e confirmar uma forte influência em sua caminhada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo. Agostinho. Ordem. Platonismo. Estoicismo.

### **1 INTRODUÇÃO**

Ao se estudar a influência de Paulo em Agostinho, muitos apontam o tema da “graça” como ponto de convergência entre os dois pensadores, restringindo assim a pesquisa para a área da Teologia.

Apesar de Agostinho ter primeiro contato com a filosofia do que com a Bíblia, sobretudo com os escritos paulinos, pouco se discute a influência ou confluência da filosofia em Agostinho, via Paulo, já que o apóstolo em suas viagens missionárias possivelmente tenha entrado em contato com a filosofia. Talvez Agostinho, ao perceber a filosofia nas cartas de Paulo, tenha se identificado e isso possa ter ajudado não só em seu processo de conversão ao cristianismo, mas também, na retomada de temas e de expressões utilizadas pelo apóstolo dos

---

<sup>60</sup> Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte. Especialista em Formação para Vida Religiosa (ISTA-BH). Graduado em Teologia (FAJE-BH), licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Licenciado em Física pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante do grupo de pesquisa A Bíblia em Leitura cristã (FAJE-BH). E-mail: irjackson.nj@gmail.com.

gentios. Por isso, é preciso identificar primeiramente os assuntos filosóficos comuns aos dois pensadores ou aqueles que Agostinho retoma, aprofunda ou esclarece na tentativa de responder às inquietações de sua época.

Desse modo, este trabalho aborda a filosofia greco-helenística como ponto de encontro entre os dois autores. O objeto da pesquisa será a obra *A Ordem* de Agostinho e as cartas paulinas. Em um primeiro momento será apresentado o ambiente pelo qual os dois pensadores tiveram contato com a filosofia. Em seguida serão destacados os principais traços do platonismo, como os binômios: sensibilidade e inteligibilidade; corruptibilidade e incorruptibilidade; visibilidade e invisibilidade; mutabilidade e imutabilidade. Por fim, serão apresentadas: a doutrina do Logos Divino e as razões seminais, a *ataraxia* e a *autarquia* que integram o estoicismo.

Com isso, a comparação entre as cartas paulinas e a obra *A Ordem* de Agostinho evidenciará a identificação do hiponense ao apóstolo dos gentios e, conseqüentemente, sua influência não só no aspecto teológico, mas já no campo da filosofia.

## 2 O AMBIENTE GRECO-HELENÍSTICA NA VIDA DE PAULO E DE AGOSTINHO

A antiguidade foi marcada pela filosofia greco-helenística. Por mais que tenha havido a conquista do poderoso império romano, o pensamento grego continuou marcando profundamente todas as culturas conquistadas.

Paulo, pelo seu trabalho de artesão, possivelmente realizava viagens às grandes cidades, onde havia possibilidade de emprego. Isso talvez tenha influenciado o empreendimento de suas viagens missionárias, ao ponto de até continuar esse trabalho (SALDARINI, 2005, p. 153; 1Ts 2,9; 1Cor 9,6), bem como adquirir influências da filosofia greco-helenística e da língua helênica.

A utilização da filosofia como parte na educação dos jovens era frequente na antiguidade, principalmente entre as classes altas. A própria cidade natal de Paulo, Tarso, usufruía de uma escola de filosofia. Entretanto, pelo fato de Paulo pertencer a uma classe baixa, haja vista sua profissão de artesão, é improvável que ele houvesse frequentado uma dessas escolas. Dessa forma, como o apóstolo sofreu influência do mundo greco-helenístico?

A repercussão da filosofia ultrapassava as escolas. O grande intercâmbio de informações nos grandes centros urbanos também proporcionou a expansão da filosofia para mais pessoas. O próprio judaísmo helenístico proporcionou ao apóstolo o contato com a filosofia, destacando-se Fílon de Alexandria que se utilizou muito da tradução grega dos LXX<sup>61</sup>. Assim, é muito provável que Paulo tivesse seu contato com a filosofia, via judaísmo. Inclusive, o evangelista Lucas narra, em Atos 17,16-34, o discurso de Paulo na ágora ateniense aos epicuristas e aos estóicos.

A vida na África Setentrional e em Roma proporcionou o contato de Agostinho com a cultura greco-romana. Inicia seus estudos em Tagaste e, posteriormente, para estudar as artes liberais, dirige-se a Cartago. Ensina nessas duas cidades. Em busca de melhores condições, viaja a Roma, mas logo se transfere para Milão, ocupando o cargo de professor de retórica. Nessa cidade, o filósofo de Cassiciaco leu “com máxima atenção e piedade” as cartas paulinas e viu “tão grandes coisas” do apóstolo que revelaram o semblante da filosofia (*Contra os Acadêmicos* II, II,5). Isso possivelmente teria facilitado sua transição ao catolicismo. Nesse período, entra em contato com literatura clássica e participa da seita dos maniqueus em busca da verdade durante nove anos. Decepcionando-se, resolve abandoná-la e começa a frequentar a Academia platônica. Ainda não satisfeito, procura os discípulos de Plotino os quais lhe proporcionaram questionamentos e abertura para sua conversão ao cristianismo.

As influências filosóficas tiveram suas releituras e serviram de base para os dois. Dentre as escolas filosóficas comuns que contribuíram na forma de pensar de Paulo e de Agostinho, destacam-se o platonismo, apresentando Platão como filósofo mais importante da antiguidade, e o estoicismo, filosofia dominante entre os romanos.

### 3 O PLATONISMO E O PONTO DE ENCONTRO ENTRE PAULO E AGOSTINHO

O primeiro ponto comum entre Paulo e Agostinho acerca do platonismo está em sua recepção. Ambos parecem não ter obtido contato direto com as obras platônicas.

<sup>61</sup> Tradução da Bíblia Hebraica para a língua grega feita, segundo uma lenda, por 72 sábios em Alexandria a pedido do rei Ptolomeu II Filadelfo (285-247 a.C). Também pode ser chamada de tradução Septuaginta.

Possivelmente, o apóstolo dos gentios não tenha lido obra alguma de Platão, porém entrou em contato com essa filosofia por meio do judaísmo helenístico. Já, Agostinho, apesar de citar em suas obras mais de 250 vezes o termo “Platão”, provavelmente tenha estudado a doutrina platônica através de fontes secundárias, haja vista seu pouco conhecimento da língua grega (FLETEREN, 2001, p. 1060).

Uma das primeiras semelhanças entre os dois pensadores é a distinção entre o “sensível” e o “inteligível”. Paulo exorta os coríntios a não se preocuparem com coisas que se veem, já que elas são transitórias, em oposição àquelas que não se veem, que são eternas (2Cor 4,18). Mais adiante, na mesma carta, os discípulos devem caminhar pela fé, realidade inteligível, e não pela visão, realidade sensível (2Cor 5,7).

Agostinho, por sua vez, na obra *A Ordem*, também faz referência a esse binômio. No primeiro livro, quando fala acerca da necessidade de voltar-se para si, cita a expressão “afastar-se dos sentidos” que está interligada com o ótimo modo de viver (I, I, 3). Mais adiante, Licêncio, um dos interlocutores do diálogo, afirma que as “causas inumeráveis e obscuras das coisas escapam inteiramente aos nossos sentidos”, ou seja, está em um plano inteligível (I, IV,11). Ainda neste livro, o filósofo de Cassiciaco faz uma releitura cristã do mundo inteligível dos platônicos: “O próprio Cristo indica que existe um outro mundo remotíssimo dos sentidos, que é contemplado por poucos de mente sã, o qual não disse: *meu Reino não é do mundo*, mas: *meu Reino não é deste mundo*” (I, IX, 32).

No segundo livro, ao tratar das artes e das obras humanas, o bispo de Hipona afirma que por trás dos sentidos existe uma razão, algo inteligível, que nos faz perceber o significado do belo e da harmonia (II, XI,34).

Interligado ao binômio sensibilidade/inteligibilidade vêm os conceitos de corruptibilidade/incorruptibilidade, também relacionados à visibilidade/invisibilidade ou mutabilidade/imutabilidade. Escrevendo aos Romanos, Paulo atribui à divindade de Deus características como invisibilidade, eternidade e inteligibilidade (Rm 1,20). Quando fala da insensatez dos homens, relata a oposição entre a incorruptibilidade de Deus e a corruptibilidade das imagens humanas (Rm 1,22). Também na obra *A Ordem*, Agostinho ao tratar da relação de Deus, o movimento e a ordem discute a mutabilidade das coisas em detrimento da imutabilidade de Deus (II, I, 3).

#### 4 O ESTOICISMO E O PONTO DE ENCONTRO ENTRE PAULO E AGOSTINHO

Essa escola filosófica estendeu-se por um período muito longo da história e foi a que mais se destacou no Império Romano. Isso proporcionou uma proximidade maior a Paulo e a Agostinho comparado ao próprio platonismo.

Agostinho foi um dos padres da Igreja que mais sofreu influência do estoicismo. Entretanto, essa influência foi diminuindo ao longo de sua trajetória intelectual. O destaque maior dessa dependência estóica se deu principalmente no início de seus escritos, os *Diálogos de Cassiciaco*, chegando ao primeiro livro do *Livre Arbítrio* (386-388 d.C).

O primeiro ponto comum da influência estóica entre Paulo e Agostinho é a doutrina do Logos Divino e as razões seminais. A carta aos Romanos é aquela que mais relata acerca da razão do universo. Em Rm 2,15 o apóstolo fala do conceito de uma “lei gravada” no coração do homem. Já em Rm 3,5, em se tratando da justiça e da injustiça, é apresentada uma ordem divina da criação: se a injustiça humana realça a justiça de Deus, Ele não pode cometer injustiça sobre o homem, do contrário, contradir-se-ia. Enquanto Agostinho, na obra *A Ordem*, também afirma a existência de uma ordem do universo que guia e governa o mundo (I, I,1) e que tudo é regulado por uma razão superior (I, VIII, 25). Até mesmo quando discute acerca das razões seminais, afirma Deus ter estabelecido um plano geral desde o começo em que “as coisas chegam a ser, desenvolver e perecer (Gn 1,1-2; Eclo 16,24-25)” (TORCHIA, 2001, p. 518)<sup>62</sup>

Outra semelhança se dá no campo da ética com a *ataraxia* estóica, que designa “o ideal da imperturbabilidade ou da serenidade da alma, em decorrência do domínio das paixões ou das extirpações destas” (ABBAGNANO, 2003, p. 87). O conceito está presente na primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses, quando este recomenda aos destinatários a levarem “uma vida tranquila” (1Ts 4,11). Já na obra *A Ordem*, um dos fatores internos relacionado à virtude definido por Agostinho é a tranquilidade mental em meio às adversidades da vida (II, VIII, 25; II, IX, 27).<sup>63</sup>

<sup>62</sup> Tradução nossa.

<sup>63</sup> Esse conceito também se encontra em: *A Vida Feliz* IV, XXV,33; *A Grandeza da Alma* XVII, 30; XXXIII, 73; *Solilóquios* I, XVI, 13 (TORCHIA, 2001, p. 520).

Junto a isso, está o conceito de *autarquia*, que, segundo os cínicos e os estóicos, trata-se da auto-suficiência do sábio, “alcançada com um longo treinamento e a separação de qualquer dependência da sociedade humana ou de bens materiais” (TAIGE, 2008, p. 569). Na primeira carta a Timóteo, Paulo fala do despojamento das coisas do mundo (1Tm 6,7) além do contentamento às coisas necessárias como alimento e vestuário (1Tm 6,8). Em 2Cor 9,8, o apóstolo exorta aos coríntios sobre importância de contentar-se ao necessário, pois Deus os cumula abundantemente de graças. Ele mesmo dá testemunho de “viver modestamente” e adaptar-se às necessidades, seja privações ou abundâncias, pois seu amparo é o Cristo que o fortalece (Fl 4,11-13).

Agostinho, por outro lado, retrata o “sábio como uma pessoa que baseia sua felicidade no que é verdadeiro e certo, ao mesmo tempo que permanece livre de apego desordenado aos bens transitórios” (TORCHIA, 2001, p. 520).<sup>64</sup>

Portanto, os dois pensadores, ao utilizarem esses conceitos da filosofia estóica, deslocam sua atenção para Deus. Enquanto no estoicismo, o sábio por meio de seu próprio esforço e vontade deve viver a *ataraxia* e a *autarquia* para ser feliz, no pensamento de Paulo e de Agostinho, ele conseguirá alcançar esse modo de vida com a ajuda e a presença de Deus.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As influências de uma leitura e de um estudo mais apurado das artes liberais e da filosofia, em Agostinho, e, das escolas judaico-helenísticas e das viagens missionárias, em Paulo, mesmo sem uma participação de uma escola filosófica propriamente dita, fizeram desses pensadores grandes nomes na história e no pensamento da humanidade.

A filosofia greco-helenística como ponto de encontro entre os autores, revelou semelhanças, principalmente na distinção platônica entre o “sensível” e o “inteligível” e na concepção estóica do Logos Divino e da ética, com a *ataraxia* e a *autarquia*. Comparando *A Ordem* com as cartas paulinas, percebeu-se similaridades no pensamento e também alguns traços linguísticos que Agostinho se utilizou do apóstolo dos gentios.

<sup>64</sup> Tradução nossa.

Desse modo, não se pode afirmar que a filosofia agostiniana sofreu influência direta da “filosofia” presente nas cartas paulinas. Agostinho já conhecia a filosofia antes mesmo de sua conversão e dos escritos de Paulo. Entretanto, o hiponense, percebendo traços filosóficos principalmente do platonismo e do estoicismo, na leitura dos escritos paulinos, não só se identificou, mas também desenvolveu o pensamento do apóstolo dos gentios, sobretudo acerca do tema da ordem.

Portanto, este trabalho é mais uma contribuição para a pesquisa acerca da influência paulina em Agostinho. Diante da missão de defender e de aprofundar a fé cristã, ambos não hesitaram em dialogar e em reelaborar importantes conceitos da filosofia greco-helenística. Com isso, além da teologia, cabe também à filosofia dar continuidade na pesquisa dessa influência paulina em Agostinho já que na época desses autores não havia uma distinção tão clara entre essas ciências, como se apresenta hoje.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, St. **Contra os Acadêmicos, A ordem, A grandeza da Alma, O mestre.** São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. **Confissões.** São Paulo: Paulus, 2004. (Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. 17ª ed.).

**BÍBLIA de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.

Ataraxia. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. xii, p. 87.

FLETEREN, Frederick V. Platón, platonismo. In: FITZGERALD, O.S.A, Allan D. (dir.). **Diccionario de San Agustín – San Agustín a través del tempo.** Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001, p. 1060-1064.

PAIGE, T. Filosofia. In: HAWTHORNE, Gerald; MARTIN, Ralph P.; REID Daniel G. [orgs]. **Dicionário de Paulo e suas cartas.** 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola. 2008.

SALDARINI, Anthony J. **Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese.** São Paulo: Paulinas, 2005 (Trad. Paulo Ferreira Valério).

TORCHIA, N. Joseph. Estóicos, estoicismo. In: FITZGERALD, O.S.A, Allan D. (dir.). **Diccionario de San Agustín – San Agustín a través del tempo.** Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001, p. 517-522.